
IMPACTOS CULTURAIS, SOCIOECONÔMICOS E POLÍTICOS NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL-CEARÁ- BRASIL: O CASO DA FEIRA DE SÃO BENTO

Francisco Alberto da Silva Neto ¹
Gerardo Pompeu Ribeiro Neto ²

RESUMO

Neste artigo parte-se de estudo etnográfico sobre as práticas cotidianas no contexto das feiras livres, entendendo como um espaço em que agentes da cultura popular criam práticas simbólicas. Pretende-se fazer uma reflexão sobre a feira livre, no tocante a seu lado antropológico, saberes e fazeres, articulando-os à sociedade como processo da construção de conhecimento, que servirão de aporte para discutir as fragilidades existentes diante das tentativas de atribuir um novo significado às tradições. Apresenta-se em especial, a Feira de São Bento, feira livre da cidade de Cascavel-Ceará-Brasil. Aspira-se, contudo, destacar a importância que esse espaço tem na contemporaneidade, não apenas enquanto um local de atividades mercantis, mas, sobretudo, como espaço diversificado, de bens simbólicos e com práticas culturais extremamente diversificadas. Para tanto, dialoga-se com os antropólogos sociais e culturais além de outros autores que embasam esse trabalho, tais como: Clifford Geertz, Marc Augé e Stuart Hall.

Palavras-Chave: Feiras livres, Feira de São Bento, lugar, cultura local

RESUMEN

Este artículo parte de un estudio etnográfico de las prácticas cotidianas en el contexto de los mercados abiertos, entendiendo como un espacio en el que los agentes de la cultura popular crean prácticas simbólicas. Se pretende reflexionar sobre el mercado abierto, en su vertiente antropológica, conocimientos y prácticas, articulándolos a la sociedad como un proceso de construcción del conocimiento, lo que servirá como un aporte para discutir las debilidades existentes ante los intentos de asignación de nuevos significados tradicionales. En particular, se presenta la Feira de São Bento, un mercado libre en la ciudad de Cascavel-Ceará-Brasil. Se aspira, sin embargo, a resaltar la importancia que tiene este espacio en la contemporaneidad, no solo como lugar de actividades comerciales, sino, sobre todo, como un espacio diversificado, de bienes simbólicos y con prácticas culturales sumamente diversificadas. Para ello, se dialoga con antropólogos sociales y culturales, así como con otros autores que apoyan este trabajo, como: Clifford Geertz, Marc Augé y Stuart Hall.

Palabras-clave: Ferias abiertas, Feria de São Bento, Sitio, Cultura local

¹ Doutorando em Antropologia – Universidad de Salamanca - albertneto17@hotmail.com

² Doutor em Antropologia - Universidad de Salamanca - pompeufortmaiusal@gmail.com

ABSTRACT

This article starts with an ethnographic study of everyday practices in the context of free fairs, understanding as a space in which agents of popular culture create symbolic practices. It is intended to reflect on the open market, regarding its anthropological side, knowledge and practices, articulating them to society as a process of knowledge construction, which will serve as a contribution to discuss the existing weaknesses in the face of attempts to assign a new meaning of the traditions. In particular, the Feira de São Bento is presented, a free fair in the city of Cascavel-Ceará-Brazil. It is aspired, however, to highlight the importance that this space has in contemporary times, not only as a place of commercial activities, but, above all, as a diversified space, of symbolic goods and with extremely diversified cultural practices. Therefore, it has dialogues with social and cultural anthropologists as well as other authors that support this work, such as: Clifford Geertz, Marc Augé and Stuart Hall.

Keywords: *Free fairs, Feira de São Bento, Place, Local culture*

INTRODUÇÃO

De acordo com Barbosa (2013), em seus estudos sobre a Feira livre de Senhor do Bonfim, em pleno século XXI, dos grandes supermercados, das compras pela internet, dos Shoppings Centers, das compras coletivas, essas características assemelham-se a Cascavel-Ceará-Brasil, com uma estrutura que mais lembra os grandes mercados de séculos passados. Um mercado a céu aberto por onde apenas é possível se deslocar a pé e com dificuldade por entre becos e ruas, entre dezenas de veredas, que permitem ao visitante se surpreender dentro de uma das maiores feiras livres do Brasil, a Feira de São Bento em Cascavel –CE. (BARBOSA, 2013, p.15)

Nos deparamos ao mesmo encantamento de Barbosa (2013), ao encontrar a riqueza cultural no passear entre os becos e as vielas da feira de São Bento culminou no desejo da realização desta pesquisa e na necessidade de compreender, caracterizar, analisar e verificar de um modo antropológico como as feiras livres, ao longo dos tempos, têm sido espaços de circulação da cultura popular, de modo a inferir sobre avanços e recuos, inerentes às trocas simbólicas características da cultura que acontecem há mais de um século na feira livre da cidade de Cascavel, na Região Metropolitana de Fortaleza.

Nos pomos de acordo com Barbosa (2013), ao definir a feira livre como lugar estruturador da cidade, de sua formação urbana e aporte cultural, destaca-se pela importância, que assume na contemporaneidade, não apenas enquanto locus de atividades mercantis, mas, sobretudo, como territórios diversificados, de bens simbólicos, com práticas culturais plurais, identitárias e memoriais. Investiga-se a feira enquanto fenômeno inserido no contexto da globalização, pois percebem-se nela todas as estratégias de continuidade e de adaptação que o homem exerce frente aos impactos gerados pelo mundo globalizado da contemporaneidade. (BARBOSA, 2013, p.15)

Assim como em Barbosa (2013), ao passear pela Feira de Senhor do Bonfim, onde vários questionamentos surgiram e serviram de subsídio para sua pesquisa, nos deparamos na mesma situação ao caminhar nos becos da Feira de São Bento e assim, elegemos os objetivos a serem alcançados no desenvolvimento deste artigo, que descrevemos a seguir: Refletir sobre a feira livre de São Bento, enfatizando os aspectos sociais e culturais que nela se inserem em função de seus aspectos organizacionais e estruturais além de verificar a importância de analisar a feira livre de São Bento como espaço de sociabilidade e trocas simbólicas marcadas pela vivência popular.

Os métodos adotados foram o antropológico etnográfico com a realização do trabalho de campo e o método descritivo analítico. Para tanto, foram aplicados questionários, distribuídos para cada uma das categorias: feirantes que comercializam nas ruas e praças; fregueses em geral; comerciantes que ficam ao redor da Feira e políticos do município. Elegemos algumas questões adequadas para cada categoria pesquisada e realizamos as entrevistas. As entrevistas foram gravadas e transcritas trechos, na íntegra, respaldando nosso trabalho dissertativo.

O desenho desse artigo parte de uma perspectiva de discussão sobre os significados e as ressignificações da cultura na feira livre desde uma visão antropológica, sobre os processos de constituição de diferenças e identidades, e de territórios multi e interculturais, que culminam na riqueza de sentidos encontrados na feira livre. Além de relatar sobre a história do surgimento da cidade de Cascavel-CE, sua origem, seus fundadores, sua cultura e, por fim, a feira livre, nosso objeto de estudo, enquanto lugar onde acontecem as trocas simbólicas nas perspectivas de Augé (2014) e Geertz (2008). Far-se-á com base nessa leitura um passeio por entre as ruas, as praças e os becos por onde a feira acontece há mais de um século, desvendando os mistérios que a envolvem.

2 UM RECORRIDO HISTÓRICO E DESCRITIVO SOBRE AS FEIRAS LIVRES E A FEIRA DE SÃO BENTO

Na história encontram-se inúmeras referências às feiras. No projeto de lei nº 2.501/2011 do estado de Minas Gerais³ existem informações de que em 500 a. C. se praticavam feiras em Tiro no Médio Oriente. De caráter comercial, desde os primeiros relatos, as feiras se relacionavam às festividades religiosas por ocasião dos dias santos. Nesse ambiente, mercadores de várias partes reuniam-se para efetuar as trocas de seus produtos. Percebe-se, portanto, que a religião se insere nesse contexto, pois o termo feria-feriado, é o mesmo que deu origem a “feira” na língua portuguesa; feria na espanhola e fair, na inglesa.

Consta no projeto de lei citado anteriormente que as feiras medievais impulsionaram o comércio europeu no final do século XI após a decadência do Império Romano, quando a Europa saía do feudalismo, onde as pessoas produziam em espaços limitados, para o próprio abastecimento e trocavam com as outras o que faltava.

Atribuem-se às Cruzadas, o importante papel de reabrir vias de acesso pelo Mar Mediterrâneo ensejando novas relações com o Oriente na busca de produtos raros para os europeus fazendo com que o dinheiro circulasse. Esses produtos eram oferecidos nas novas cidades chamadas “burgos” por serem muradas e seus habitantes tornaram-se burgueses. (BRASIL, PL nº 2.501/2011)

Com a transição do feudalismo para o capitalismo, as feiras se estabelecem de forma mais organizada intensificando-se, como foi citado, com o advento das Cruzadas, pela necessidade de suprir as carências dos viajantes, assim, os praticantes das trocas comerciais (os comerciantes) sistematizaram feiras itinerantes por força das circunstâncias. Historiadores dão conta de que a feira foi o ponto de convergência para a formação das cidades; como a Ágora fora o centro dinâmico da cidade grega sendo ela um espaço aberto, de domínio público, cercado por construções e monumentos, inclusive de barracas, indicando o dia de feira (MUMFORD, 1982, p.167).

³ Disponível em http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/40970/caderno1_2011-09-30%2099.pdf. Acessado em 08/03/2020.

De acordo com Silva (2008):

desde o final do século XVII, as feiras das cidades brasileiras tornaram-se instituições regulamentadas pelo Poder Público, no sentido de organizar o comércio de produtos excedentes da agricultura, da pecuária, incluindo outros artigos manufaturados artesanalmente por pessoas no âmbito familiar. Esta maneira certamente foi a melhor forma de oferecer aos feirantes um lugar determinado para a comercialização dos seus produtos ao mesmo tempo em que a construção do Mercado Público oferecia condições de armazenamento, higiene e sistematização de horários estabelecidos para que a população urbana pudesse frequentar e adquirir o que lhe aprouvesse, uma espécie de “shopping center” de alimentos e demais apetrechos a preços módicos. (SILVA, 2008, p. 35)

Cleps (1997) diz que a feira brasileira é um importante mecanismo de distribuição e estimulação econômica, principalmente no Nordeste, onde é profundamente intrínseca à cultura regional.

Silva (2008) ainda afirma que:

As feiras no Nordeste já aconteciam pelas necessidades da população urbana e rural. Consta na história da cidade de Cascavel que sua origem se deveu em parte aos encontros dos comerciantes que passavam por essas terras, pela Estrada Real11, onde se formou o lugarejo e posteriormente evoluiu para cidade. Sua localização numa área litorânea favoreceu as relações comerciais, por facilitar o transbordo, a troca e a armazenagem. (SILVA, 2008, p. 35)

De acordo com Huberman, (1976) *apud* Silva (2014), percebe-se que:

A relação humana com a instituição feira livre existe há muito tempo, pois o processo de produção de subsistência e de troca de mercadoria, o escambo, entre os povos, predominou na história, pois as sociedades produzem bens para satisfazer suas necessidades essenciais. A partir do momento em que o ser humano passou a produzir em excesso, e perceber a necessidade de realizar a prática da permuta, da compra e da venda de produtos, surgiu um primeiro olhar para a feira livre e, principalmente, a relação comercial e econômica (HUBERMAN, 1976 *apud* SILVA, 2014, p. 25)

Ainda, segundo Silva (2011) *apud* Silva (2014), existem evidências no Brasil de que o surgimento das feiras livres ocorreu no período colonial e que mesmo com a evolução do mercado, as feiras ainda mantêm o seu valor financeiro e cultural principalmente no interior do Nordeste brasileiro, onde se encontra grande parte das maiores feiras livres do país, gerando renda principalmente para os agricultores locais.

“A feira de São Bento, mais conhecida como Feira de Cascavel-CE acontece todos os sábados a céu aberto. Sendo a maior feira livre do Ceará e a Segunda Maior do Brasil, perdendo apenas para a Feira de Caruaru-PE.”⁴

Nas palavras de Silva (2008):

Historicamente a feira exerceu importante papel, sobretudo no desenvolvimento econômico. Sendo um lugar de trocas comerciais e afetivas (amizade ou aversão), desenvolvendo-se e expandindo-se nas comunidades a ponto de sua dinâmica permanecer até hoje, ela esboça características do passado, associadas às mudanças do presente, como se pretendesse ajustar-se às demandas da freguesia. Nela se encontram mercadorias industrializadas como roupas e calçados, que não faziam parte do acervo no passado. A venda de CDs, DVDs, por exemplo, permeia o cenário de articulações entre pessoas de faixas etárias diversas, sobretudo os jovens, o que torna o ambiente mais alegre e festivo ao som de músicas de forró das mais variadas “bandas” do agrado cearense. (SILVA, 2008, p. 35)

3 O MUNICÍPIO DE CASCAVEL E O SURGIMENTO DA FEIRA DE SÃO BENTO

O Município de Cascavel localiza-se a 60 km da Capital do Estado do Ceará, Fortaleza e segundo o IBGE, Cascavel possui, em 2018, população estimada⁵ de 71.499 habitantes. De acordo com o último Censo do IBGE (2010), a população⁶ total era de 66.142 habitantes, sendo 32.887 homens e 33.255 mulheres. O seu desenvolvimento se dá por estar em uma rota comercial.

“Ressaltando um pouco sobre a feira livre de Cascavel-Ceará podemos dizer que ela surgiu no século XIX, anteriormente se chamava "Feira de gêneros", com o passar do tempo recebeu o nome "Feira de São Bento" o antigo nome da cidade.” (SILVA, 2014, p. 27)

Ao relatar o modo de vida da população cascavelense no século XIX, [...] vivia na labuta, nas moagens da cana nos engenhos, nas feiras semanais, vai se consolidando a convicção de que a feira tem sua origem no sítio Cascavel,

⁴ Disponível em <http://cascavelcebr.blogspot.com/2014/10/feira-de-sao-bento-cascavel-ceara.html> Acessado em 08/03/2020.

⁵ *População estimada*: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2018

⁶ *População no último censo*: IBGE, Censo Demográfico 2010

quando os primeiros mercadores praticavam o escambo: trocavam sal, goma, rapadura, farinha, caprinos, frutas por produtos de primeira necessidade, compõe, definitivamente, o modo de vida cascavelense, a cultura do lugar (SILVA, 2011, p.15).

De acordo com Batista (2019), ao referenciar uma página *web*, a prosperidade econômica lenta da então vila de Cascavel no século XIX foi impulsionada no século seguinte, com a chegada de comerciantes procedentes de diversas regiões, pelo o interesse na feira semanal, que tem sua origem no Sítio Cascavel, quando os primeiros mercadores praticavam o escambo.

A feira surgiu onde hoje fica localizada a antiga casa da Câmara de Cascavel. Por ali passava uma estrada que ficava marcando bem ao meio o caminho Fortaleza até Aracati. Então por essa estrada passava o chamado ciclo do couro, e com isso a estrada ficava bastante movimentada. As pessoas resolveram começar a colocar suas bancas para vender mercadorias a beira da estrada. Dando assim o pontapé inicial para a Feira de São Bento.

Com o surgimento do processo de urbanização da cidade, a feira cresceu e atraiu mais visitantes e compradores, contribuindo, assim, para a economia dos municípios a gerar emprego e renda para os habitantes. De acordo com Silva (2011) a feira livre de Cascavel tem a capacidade de agregar valores afetivos caracterizados como valor material ou imaterial para seus visitantes.

Silva (2011) ainda destaca que a feira de São Bento não é apenas um espaço de ações comerciais, de negócios em geral e de manifestações artístico-culturais (cantorias, artesãos, pintores de rua, embolada ou coco, forró pé de serra), mas um momento de encontro, de troca de vivências, de festa e de confraternização. Evidenciamos nas palavras de Silva (2014) que:

nos poucos registros referentes à história do município de Cascavel a sua origem se deu em parte aos encontros dos comerciantes que passavam pela Estrada Real 1, onde se formou o lugarejo e com o passar dos tempos adquiriu a categoria de cidade. A localização da cidade numa área litorânea facilitou as relações comerciais, pois possibilitou a troca e a guarda de produtos. Diante disso, compreendemos que esses fatores contribuíram para o nascimento da feira livre local. (SILVA, 2014, p.28)

Aos sábados a estética da cidade é totalmente alterada, o espaço se transforma de maneira significativa. Na própria madrugada já começam as movimentações para que no sábado por

volta das seis horas da manhã a feira começa trabalhando intensamente se estendendo até por volta das onze horas da manhã.

Além dos vendedores locais, a feira atrai vendedores de toda a região, inclusive da capital do Estado, Fortaleza/CE. Com base no pensamento de Silva (2016), podemos encontrar na feira de Cascavel vendedores de Pacajus, Horizonte, Aquiraz e muitas outras cidades vizinhas. Sobre a instalação desses mercados informais, Vedana (2013) contribui:

A instalação de uma feira livre no ambiente de uma rua ou largo representa uma quebra de continuidade na atmosfera cotidiana do bairro, criando um novo evento, estabelecendo novos percursos e novas possibilidades de sociabilidade. A instauração desse tempo do mercado mobiliza os habitantes da cidade e dos bairros aderirem a um espaço particular e circularem por ele. Ao mesmo tempo, esse evento de mercado que pontua o cotidiano e passa a fazer parte dele (VEDANA, 2013, p.160).

Ao realizar as entrevistas constatou-se que a feira ocupa um importante papel no cotidiano dos sujeitos envolvidos, economicamente, socialmente e culturalmente. Para eles, a feira representa uma fonte de renda, meio de sobrevivência, ponto de economizar dinheiro e lugar de socialização e descontração.

Antropologicamente, a feira possui um considerável valor simbólico, pois difunde valores culturais, saberes locais e históricos.

Segundo Silva (2016) *apud* Vedana (2013) e Mauss (2003),

A feira narra e representa a cidade a partir de suas imagens (VEDANA, 2013). Ela faz parte do cotidiano da cidade, preenche as ruas. Assim como a cidade tem seus bancos, suas praças, suas casas e edifícios, que juntos contam a história da cidade, a feira conta não apenas uma história comercial, narra também sobre as identidades, trajetórias de vida, sentimentos. Como apontou Vedana, “... o que temos então é o mercado como uma expressão de vida na cidade...” (VEDANA, 2008, p.90).

Ao observar as formas de consumo na feira, ao qual se ocupa este trabalho – fala-se de formas por se crer que existem várias maneiras de viver, pensar e interpretar o consumo – percebe-se que as pessoas não vão a feira apenas para obter bens. Mas, elas atribuem significados a esses atos. Estas trocas como abordou Mauss são “[s]ímbolos da vida social” (MAUSS, 2003, p.232).

O fato de escolherem a feira como lugar de compra, significa que elas automaticamente estão atribuindo um significado simbólico a feira. Como enfatizou Mauss, “[t]oda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos...” (MAUSS, 2003, p.195). Na feira não se consome apenas produtos, consomem histórias memórias, informações. (SILVA, 2016, p. 5)

4 A FEIRA DE SÃO BENTO E SUA ORGANIZAÇÃO

Nas ideias de Silva (2016) *apud* Douglas (1966), a feira é interpretada muitas vezes como desorganizada, desordenada. O que se pode levar em consideração ao pensar o mercado informal é refletir sobre o que seria a ordem e o que seria a desordem. Tem-se que levar em consideração a relatividade desses conceitos, afinal o que está em ordem para uma pessoa pode estar desordenado para outra. Nesse viés, a desordem, segundo Douglas (1966), pode apresentar perigo e ao mesmo tempo poder. A autora cita:

Admitindo que a desordem estraga o padrão, ela também fornece os materiais do padrão. A ordem implica restrição; de todos os materiais possíveis, uma limitada seleção foi feita e de todas as possíveis relações foi usado um conjunto limitado. Assim, a desordem por implicação é ilimitada, nenhum padrão é realizado nela, mas é indefinido seu potencial de padronização. Embora procuremos criar ordem, nós simplesmente não condenamos a desordem. Reconhecemos que ela é nociva para os modelos existentes, como também que tem potencialidade. Simboliza tanto o perigo quanto o poder (DOUGLAS, 1966, p.117).

A feira livre de São Bento, enquanto espaço social, configura-se como um local que representa uma função relevante para os sujeitos que a fazem acontecer, devendo ser valorizada como parte da história do povo cascavelense. Destaca-se que o feirante compreende além do processo de compra e venda de mercadorias. Nota-se também que os feirantes estabelecem uma relação próxima da sua realidade e respeito com a feira, pois eles visualizam neste espaço a garantia do sustento de sua família e uma forma de valorizar seus produtos. Partindo de uma visão antropológica pode-se perceber o quanto as pessoas são de fato o principal componente da Feira de São Bento. (SILVA, 2014, p. 22)

5 A FEIRA DESDE UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA

De acordo com (Geertz, 2008), o estudo das culturas de outros povos (e também da nossa, mas isso levanta outras questões) implica descrever quem eles pensam que são, o que pensam que estão fazendo, e com que finalidade pensam que o estão fazendo – algo bem menos direto do que sugerem os cânones usuais da etnografia feita de notas e indagações ou, a rigor, o

impressionismo exuberante dos “estudos culturais” da *pop art*. (...) Para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo, é necessário adquirir uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado em meio aos quais elas levam suas vidas. Isso não requer sentir como os outros ou pensar como eles, o que é simplesmente impossível. Nem virar nativo, o que é uma ideia impraticável e inevitavelmente falsa. Requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente. (GEERTZ, 2008)

Quando Geertz (2008) fala em outros povos podemos fazer algumas referências aos feirantes, pois eles vivem como se fosse um povo independente, pois tem seus costumes, suas crenças e suas individualidades. Então podemos fazer uma comparação desse pensamento englobando a feira de São Bento.

"Sendo assim, também se aproxima do conceito de Sobreculturalidade, de Valério (2016) enquanto “cultura de sobrevivência”, direcionado às culturas que foram obrigadas a passar pelas várias etapas do processo de contato cultural para sobreviverem e não caírem no esquecimento. Quando Valério (2016) fala sobre o conceito de Sobreculturalidade podemos observar esse fenômeno também na feira de São Bento através da cultura de sobrevivência, onde com a venda de artesanato local, elementos locais, vão mantendo vivas suas culturas.

A feira pode ser considerada um lugar onde se construiu uma história, costumes, modos de se portar na comunidade. Há a fantasia de ser um lugar que nunca se acabará, já que muitas gerações já passaram por esse lugar. Porém essa fantasia não se sustenta diante das diversas ameaças de uma facção de pessoas que não toleram a feira, geralmente comerciantes locais que sentem ter suas vendas prejudicadas. Algumas feiras possuem sua associação de feirantes, mas nem todas se mantêm e continuam na luta pelo bem comum, enfim, algo a se investigar caso a caso.

Voltando ao campo da feira como exemplo, a concepção que se construiu ao longo da história que se tem desse lugar já produz nos indivíduos algum afeto e os prepara para o que encontram nesse ambiente. Ao mesmo tempo, cada feira tem suas particularidades, seus modos de se organizar, as pessoas que a compõem, entre outras características que são compartilhadas numa comunidade. Essas características compartilhadas contribuem para se construir uma opinião generalizada sobre esse lugar, que ao mesmo tempo faz imaginar uma identidade que

contribui na união entre os que fazem parte, principalmente, os feirantes. Estes podem se sentir impelidos a organizar associações que os ajudem a manter esse lugar.

Augé (2014) vem afirmar que se constitui uma necessidade para as coletividades pensar a identidade e a relação, que para tanto deve simbolizar os constituintes da identidade partilhada (conjunto de um grupo), da identidade particular (determinado grupo ou indivíduo) e identidade singular (indivíduo ou grupo não semelhante a nenhum outro). Para fazer essa simbolização, um dos meios é o tratamento do espaço, que faz com que o etnólogo se sinta tentado a dar sentido do espaço ao social, como produzindo algo definitivamente. Esse é um percurso “cultural”, que se faz passar pelos signos mais visíveis, instituídos e reconhecidos da ordem social, o qual esboça um lugar comum.

A esse lugar comum Augé (2014) chama de Lugar Antropológico, que se caracteriza por uma construção concreta e simbólica do espaço, mas que não dá conta das contradições da vida social. Referir-se-ia a todos a quem designa naquele espaço. Este lugar seria um princípio de sentido para aqueles que habitam e um princípio de inteligibilidade para quem os observa, mas com uma escala variável.

Auge acredita que existam pelo menos três características comuns que são identitárias, relacionais e históricas. A primeira pode ser representada como o lugar do nascimento como constitutivo da identidade individual, um lugar próprio, singular e exclusivo. A segunda característica diz do lugar que, para Michel de Certeau, tem seus elementos distribuídos em relações de coexistência, ao lado do outro, onde num mesmo lugar podem coexistir elementos distintos e singulares. Por último, o lugar histórico ao conjugar a identidade e a relação, definindo uma estabilidade mínima. “O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história” (AUGÉ, 1994).

A feira se encaixa e pode ser considerada um lugar antropológico, pois apesar das mudanças que carrega durante seu percurso histórico, diante das diversas gerações que passaram por ela, ainda se compõe um sentido, modos de experienciar a feira, uma identidade que marca esse lugar. Aliado a essa construção identitária da feira, existem as contradições, as peculiaridades de cada tipo de feira, a depender da localidade, dos habitantes que a compõem, dos feirantes que a organizam, de toda uma gama de fatores que não a tornam simples de se identificar, mas não deixa de promover uma ligação forte entre aqueles que fazem a feira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É enquanto Feira de São Bento, que este espaço se transforma e ganha vida, tornando-se as avenidas principais da cidade num verdadeiro polo centralizador, atraindo e catalisando “multidões”. Quem a visita desconhece, quase sempre, o verdadeiro espaço físico que a rodeia, ao ponto de se surpreender quando por ali passa em dias em que não há feira. É, pois, um lugar antropológico que se reaviva e esmorece constantemente, conforme os dias da semana. Sem dúvidas um lugar com uma energia incrível.

No dia de feira, há algo no seu ambiente que faz esquecer que se está em Cascavel. O retrato que dela pode-se tirar observa-se desde uma rede de sociabilidades muito intensa, quer entre os vendedores uns com os outros, através do convívio que estabelecem ao longo do tempo, quer no tipo de relação que se estabelece entre estes e os compradores.

A lógica do cidadão que passa friamente sem se tocar, aqui não parece fazer sentido, embora o anonimato se faça sentir, pois nem todos os indivíduos que visitam a feira se conhecem. Porém, existe algo que apela à relação, nem que seja pelo simples fato que muitos dos produtos são comprados através de alguma conversa.

"Os clientes vêm ter com a gente devido a uma tradição, uma certa amizade que já se tem, uma certa confiança. Nós temos que fazer um esforço que as lojas normalmente não fazem. Grande parte das pessoas vêm aqui e precisam de alguém para as escutar, precisam desabafar e na loja há sempre aquele limite, aquela distância." (João, vendedor de roupas)

Pode-se perceber conversando com o feirante, João que as pessoas não vão a feira apenas para comprar ou vender algo, elas vão também conversar umas com as outras, marcar encontros, fazer refeições e outras coisas mais. Percebe-se claramente uma relação antropológica muito forte entre essas pessoas e quando assim é observada percebe-se o quanto a Feira de São Bento é rica nesse aspecto, além da diversidade encontrada pois é um lugar que circulam pessoas de todas as ideologias, cores, raças ou credos, desde ciganos, africanos, reggaes, hippies, gente de

classe alta e baixa. Enfim, uma grande mistura de estilos que refletem o percurso de vida de cada um.

Este estudo será o passo inicial, que dará suporte para revelar aos poderes públicos, municipal e estadual, os detalhes que escapam ao senso comum, dando possibilidades de ajuste das políticas públicas, de acordo com a especificidade do público e sua correspondência com a realidade local. Esse sistema de comercialização encerra peculiaridades numa cidade em que elas representam uma tradição que, com algumas dificuldades, vem sendo preservada por meio do tempo.

As feiras, longe de se constituírem em um mercado em extinção, comprovam sua força: em Cascavel representando um importante espaço de comercialização e de trocas de cultura, saberes e experiências, a feira também compete de igual para igual com açougues e supermercados, mostrando toda a sua riqueza e tradição de feira centenária.

A sensação que fica é que, cada vez que se sai dela com a sacola cheia de produtos, está se levando também uma bagagem mais rica ainda, que é a de vivência, experiências, conversas e alegria.

Diante disso, percebe-se que, apesar de Cascavel ser considerada uma cidade de médio porte, a feira livre denota um grau de importância para a sociedade, pois pode-se perceber esse espaço de manutenção das relações comunitárias e sociais ou local de sociabilidades e sistema econômico local-regional para os diferentes segmentos das pessoas locais, mesmo que numa área em que predomina as relações mercantis. Apesar disso, os sujeitos desta pesquisa, os moradores locais veem na feira um local de encontros e lazer, afinal, dia de feira é dia de festa, de encontro do homem do campo com os cidadãos, que vivem nessa cidade, fazendo manter a cultura da sua gente.

Ao término desta pesquisa, fomos tomados por vários sentimentos, que se misturam. Quem viveu o Cascavel de ontem, a cidade tranquila que antecedeu ao asfalto e à televisão, traz uma saudade e uma dor em seu peito e a vontade de lutar para ter em suas mãos passado que se foi.

Numa tentativa utópica, mas que se repete como um ritual do qual não se quer separar, expresso por meio das entrevistas concedidas o autor durante o transcorrer do trabalho de pesquisa. Os que vivem o Cascavel atual, trazem uma esperança de dias melhores, com as

reminiscências do passado, a força cultural ressignificada do presente para construir um futuro melhor.

Referências

- ARAÚJO, M. A. A de. **Território e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)**. Natal, UFRN, 2005, Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- AUGÉ, M. **O antropólogo e o mundo global**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARBOSA, A. C. da S. **Riqueza que mexe com os sentidos: feira livre de Senhor do Bonfim**. Salvador, 2013. Dissertação (Pós-Graduação) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências.
- BATISTA, R. I. A. **Os Efeitos do *visual merchandising* no comportamento de compra dos consumidores: Estudo aplicado em ponto de venda de roupas íntimas na feira de São Bento – Cascavel/CE**. Monografia de Bacharelado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2019.
- BESSA, E. R. et al. **Cascavel 300 Anos** / Fortaleza: Universidade de Fortaleza: 2001.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.501/2011, de 30 de setembro de 2011**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2011. Disponível em: http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/40970/caderno1_2011-09-30%2099.pdf. Acesso em: 08 mar. 2020.
- CLEPS, G. D. G. **O Comércio Atacadista de Uberlândia (MG): Mudanças Tecnológicas e Estratégicas Territoriais**. Rio Claro: UNESP, IGCE, 1997, Dissertação (Mestrado em Geografia) Rio Claro: 1997, 181p.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Perspectiva: São Paulo, 1966.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. 1ed.13 reimpr. Rio de Janeiro: LTC. 2008.
- HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro), 3 ed. s/l: Editora DP&A, 1999.
- HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.183-314
- MUMFORD, L. **A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas**. 2. Ed. Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SILVA, A. E. B. Antropologia na cidade: uma etnografia das “trocas” e sociabilidades entre os feirantes e frequentadores da feira de Redenção-CE. In: V REA e XIV ABANNE, 2016, Maceió. **Anais Reunião Equatorial de Antropologia, Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste- REA, ABANNE.** v. 1.

SILVA, C. P. da. **Feira de São Bento de Cascavel do Ceará: uma benção para Cascavel, um patrimônio dos Cascavelenses.** Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2011.

SILVA, F. E. da. **A “Pedagogia” da feira livre de São Bento: Narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel-CE.** Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.

SILVA, M. das G. da. **Feira de São Bento em Cascavel – CE: (Festa a Céu Aberto).** Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

VALÉRIO, D. M. **A Intraculturalidade nas comunidades indígenas da região metropolitana de Fortaleza-CE, Brasil: Caminho para o desenvolvimento e sobreculturalidade.** Salamanca: Edições Vítor, 2016.

VEDANA, V. **No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo.** Tese Doutorado em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VEDANA, V. **Mercados de rua e ambiência de fruição estética: estudos de etnografia de rua.** In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da, e ECKERT, Cornelia. (org.). Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, p.147-172.